



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**LEITURAS DIALÓGICAS DE MAFALDA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANNE DE PAULA BARBOSA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**LEITURAS DIALÓGICAS DE MAFALDA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANNE DE PAULA BARBOSA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238l Barbosa, Alanne de Paula.

Leituras dialógicas de Mafalda [manuscrito] : um estudo de enunciados concretos / Alanne de Paula Barbosa. - 2014.
24 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Educação".

1. Leitura dialógica. 2. Enunciado concreto. 3. Gênero tira. I.
Título.

21. ed. CDD 410

**LEITURAS DIALÓGICAS DE MAFALDA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANNE DE PAULA BARBOSA

BANCA EXAMINADORA

Manassés Moraes Xavier NOTA: 9,5
Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier (UFCG)
Orientador

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 9,5
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

Roberta Soares Paiva NOTA: 9,5
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
Examinadora

Trabalho aprovado em: 19 de fevereiro de 2014

Média: 9,5

CAMPINA GRANDE – PB

2014

LEITURAS DIALÓGICAS DE MAFALDA: UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS

BARBOSA, Alanne de Paula¹

RESUMO

Partindo da ideia do que se compreende da concepção de dialogismo da linguagem, que considera que cada enunciado é constituído da presença de outros enunciados e, por isso, as ideias que se apresentam são discursos já ditos, mas que são novamente pronunciados com novas formas discursivas, o presente trabalho objetiva: 1) traçar uma visão panorâmica da *Teoria Dialógica da Linguagem* (TDL), correlacionando esta aos conceitos mobilizados: dialogismo, enunciado concreto e a leitura na perspectiva dialógica; e, a partir disto, 2) analisar o gênero discursivo tira, de modo a seguir os conceitos estudados da TDL. Com base nesses objetivos, este trabalho tem como questão-problema observar como se dão as relações dialógicas no gênero discursivo tira. A análise dialógica será feita a partir de uma seleção feita na internet de seis (06) tiras do autor Quino, enfatizando os enunciados da personagem Mafalda, visto que ela é a protagonista das criações do autor e as suas falas são as que correspondem, acentuadamente, aos enunciados dialógicos. Com isso, foram observados e analisados os discursos politizados presentes nessas tiras, bem como o que, do mundo real, elas dialogam, visto que Mafalda possui uma visão aguçada do mundo e coloca a mostra os problemas mundiais mais recorrentes, fazendo, para isso, o uso de um senso de humor irônico e sério. Neste contexto, fica vista a intencionalidade do autor com as tiras quando faz uso das falas da protagonista a fim de que seus possíveis leitores sejam instigados a refletir, de forma dialógica, sobre os problemas que circulam socialmente entre eles.

Palavras-chave: Leitura dialógica. Enunciado concreto. Gênero tira.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo toma por base as contribuições da *Teoria Dialógica da Linguagem* (TDL), esta proposta por Bakhtin e seu Círculo, na qual considera a possibilidade de ocorrência de dois princípios dialógicos: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. Diante desses princípios, torna-se relevante analisar e interpretar os enunciados, especificamente para este trabalho os enunciados presentes nas tiras selecionadas do autor Quino, considerando o contexto que os envolvem, visto que uma mesma frase se realiza em um número incontável de enunciados, mas ganhará sentido específico em diferentes realizações enunciativas.

¹Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: alanne_dpb@hotmail.com.

A escolha da teoria da TDL, bem como a relação de analisar a partir dela as tiras de Quino, justifica-se pelo interesse em observar o teor crítico trazido nos enunciados concretos da personagem Mafalda, que contribuem para uma reflexão acentuada acerca de problemas sociais e políticos. Vale ressaltar que Quino, cartunista argentino, retrata a realidade argentina em época de ditadura militar do país, mas, por extensão, também se aplica à realidade brasileira. Com base nessa justificativa, o presente trabalho norteia-se sobre a seguinte questão-problema: como se dão as relações dialógicas no gênero tira?

Serão objetivos deste trabalho: 1) traçar uma visão panorâmica da *Teoria Dialógica da Linguagem*, correlacionando esta aos conceitos mobilizados: dialogismo, enunciado concreto e à leitura na perspectiva dialógica; e, a partir disto, 2) analisar o gênero discursivo tira, de modo a seguir os conceitos estudados da TDL.

A análise dialógica será feita a partir de uma seleção feita na internet de seis (06) tiras do autor Quino, enfatizando os enunciados da personagem Mafalda, levando em consideração o contexto, visto que isto contará para interpretações possíveis dos enunciados em apreciação. A personagem principal das tiras selecionadas, Mafalda, possui uma visão aguçada do mundo e vive se questionando sobre os problemas mundiais, o fazendo com senso de humor meio irônico e sério, que traz as situações em que vive de modo interessante. Para que sejam realizadas as leituras dialógicas das tiras, a análise partirá da concepção de que ler é um processo interativo de cruzamento de diversas e variadas vozes que interagem para construir o sentido do gênero disposto para determinados fins.

É notório ter em vista que as tiras selecionadas serão analisadas por completo, já que só se pode interpretar algo quando vê-se o todo, contudo, será dada uma atenção especial às falas da personagem Mafalda, visto que ela é a que traz carga de enunciados efetivamente dialógicos.

2 O QUE É DIALOGISMO?

Dialogismo, um dos conceitos mobilizados da TDL, diz respeito ao diálogo ou à relação dialógica, como sugere o próprio nome – dialogismo – das formas de comunicação e interação verbal, assim como à aptidão de manter diálogo de discursos já ditos com outros que ainda serão ditados, pois não há nada novo, há a inovação do que já foi pronunciado. Nesse contexto, o conceito de dialogismo será vinculado ao de interação, pois, segundo os estudos bakhtinianos, a interação é a realidade fundamental da linguagem.

Sobre o que se diz que não há nada novo, há a inovação do que já foi pronunciado. Rottava (1999, p. 157) esclarece que “o diálogo é também com outros textos, não no sentido repetível, mas objeto único, irreproduzível, caracterizado pela intertextualidade”, que faz jus ao que Fiorin (1994) assevera sobre a intertextualidade, que é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo, pois essa intertextualidade se caracteriza pelas relações semânticas entre os textos, se constituindo como fato social de interação.

No livro *Bakhtin: dialogismo e construção de sentido*, organizado por Brait (2005), Barros afirma que

Bakhtin considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas “externas” e “internas” e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico (BARROS, 2005, p. 32).

Neste sentido, fica visto que permeiam os escritos de Bakhtin duas noções de dialogismo: a do diálogo entre interlocutores, e o diálogo entre os discursos. Devem ser mencionados quatro aspectos sobre o dialogismo entre interlocutores: a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem, que recai no entendimento de que não apenas ela é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda, propriamente, a linguagem; b) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, sendo a construção destes sentidos e significações dados na produção e interpretação de textos; c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, já que a relação entre os interlocutores irá fundar não apenas a linguagem e dar sentido ao texto, mas também construirá os sujeitos produtores de texto e d) apontamento de dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

A outra noção de dialogismo citada nos textos bakhtinianos é a do diálogo entre discursos. Esta noção traz a concepção de duas questões: a do caráter dialógico da língua em relação ao dialogismo dos discursos e a do mascaramento do dialogismo dos textos. Seguem as questões: a) o dialogismo constitutivo da linguagem, que, para Bakhtin, se explica pelo fato de a linguagem ser, por constituição, dialógica e a língua não ser, de acordo com a ideologia, neutra, mas sim complexa, pois é na língua que se imprimem historicamente e pelo uso as

relações dialógicas dos discursos; e a segunda questão, b) dialogismo e polifonia, que decorre do “ocultamento ou não do dialogismo discursivo”, como afirma Barros *apud* Brait (2005). Dialogismo e polifonia mantém relação próxima e tal fato se justifica pelas muitas vezes em que houve a utilização destes termos nos textos de Bakhtin.

Barros *apud* Brait (2005) aponta que Fiorin (1994) distingue claramente dialogismo e polifonia, reservando o termo *dialogismo* para *o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso* e empregando a palavra *polifonia* para caracterizar *certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes*, ao contrário dos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se aos estudiosos do texto, portanto, o ofício de examinarem as estratégias, procedimentos e recursos que fazem de um texto dialogicamente constituído de discursos monofônicos e polifônicos.

As concepções acima citadas mantêm relação com os enunciados na perspectiva da comunicação discursiva, já que trazem a ideia do dialogismo e suas variadas formas de manifestações em discursos de ordem diversa e, por sua vez, acarreta na propositura de que expressões linguísticas são sempre orientadas em direção ao outro e que para compreender os enunciados é necessário situar a sua orientação social. Desta assertiva entende-se que todo enunciado real possui um sentido e as palavras, de acordo com a função do sentido do enunciado, assumirá variadas significações, dando-lhe a funcionalidade de um enunciado efetivamente concreto (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 109).

3 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

A *Teoria Dialógica da Linguagem* contribuiu para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e seus estudos. Segundo Brait (2012), a busca da compreensão das formas de produção do sentido, da significação e as diferentes maneiras de surpreender o funcionamento discursivo foram fatores que impulsionaram Bakhtin e o Círculo na direção de uma estética e de uma ética da linguagem: “uma postura que articula estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos”, (BRAIT, 2011, p. 87-88), faz com que suas reflexões sobre o sentido não sejam sistematizadas unicamente sob uma perspectiva linguística ou mesmo linguístico-literária.

Nesse sentido, o que é defendido sobre linguagem nos trabalhos de Mikhail Bakhtin não está comprometido com uma tendência linguística ou uma teoria literária, e sim com algo mais amplo, uma visão de mundo que, buscando formas de construção e formação de sentido,

recai pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura” (BRAIT, 2011, p. 88) e, também, por um conjugado de aspectos entrelaçados “e ainda não inteiramente decifrados”. Sobre os estudos bakhtinianos, Brait argumenta que

a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto de obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico (BRAIT, 1994, p. 11).

Esta colocação põe em vista a postura que toma os trabalhos do filósofo russo Bakhtin, nos quais se notam a atualização dos sentidos dos signos, enunciados, conforme a necessidade em que eles se apresentam. Isto coloca em prática o que se conhece sobre a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Acentuando a ideia da linguagem como heterogênea, nota-se que

a concepção de diálogo de Bakhtin é constitutiva da linguagem enquanto fenômeno heterogêneo, não entendido como uma conversa entre duas pessoas, mas pela leitura e escrita compreendidas enquanto formas de produzir sentidos possíveis e previsíveis no texto, como um tipo de diálogo. Tal heterogeneidade deve ser levada em conta quando nos referimos a interação, enquanto comunicação verbal entre os humanos; essa comunicação tem um caráter não linear da informação, não há uma direção única de emissor (escritor/autor) e receptor (leitor/autor), mas um caráter dialético (ROTAVVA, 1999, p. 157).

Os escritos de Mikhail Bakhtin vão demonstrando a natureza constitutivamente dialógica da linguagem, em que deixa claro que o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre regular (entende-se regular como harmonioso) que existe entre os variados discursos que configuram uma sociedade no geral. Pode-se entender que o dialogismo também diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, assim como elucidada Brait (2005).

Compreende-se sobre a linguagem na perspectiva dialógica, o fato de que a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos e isso ocorre na medida em que materiais ideológicos diferentes, que ganham configurações discursivas, participam de uma dada situação: situações essas que apontam insistentemente para o que Brait (2008) concebe ser a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

4 NOÇÕES DE ENUNCIADO CONCRETO

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2009), vê-se a dedicação à linguagem em geral e, por esse aspecto, nota-se o também o interesse pelas características e formas do intercurso (comunicação) social pelo qual o significado é realizado, centrando a ideia de que a linguagem não é falada no vazio, mas dentro de determinados contextos de situação histórica e social concreta, que admitem, portanto, atualizações dos enunciados. Isto pode ser comprovado pelo que é assegurado por Bakhtin e Voloshínov (2009, p. 109) no livro supracitado, que diz que todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem significações diversas em função do sentido do enunciado, resultando no conceito de que o sentido da palavra é determinado por seu contexto. Brait e Melo (2012), ainda sobre os escritos de Bakhtin e Voloshínov (2009), refletem que

um dos méritos dessa obra é justamente ter difundido a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos.

Com isso, observa-se que todo enunciado exige a presença simultânea de um locutor e de um ouvinte para que seja realizado e toda expressão linguística é sempre dirigida em direção ao outro, o possível ouvinte, mesmo quando este se encontra ausente fisicamente, como é pontuado por Voloshínov (1976), havendo a presença da relação dialógica entre as enunciações, sejam elas precedentes e/ou vindouras.

Diante do que foi exposto até o momento, pode-se interpretar que a linguagem não é imóvel, mas produto da vida social, em que se realiza em comunicações verbais, elaborando diferentes tipos de enunciados de modo a corresponder as mais variadas situações sociais.

Brait e Melo (2012) mencionam que a “*grosso modo*, é possível dizer que *enunciado*, em certas teorias, equivale a frase ou a sequências frasais”, mas em outras, o enunciado assume um ponto de vista pragmático, e “é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (p. 63, itálicos dos autores). Esse enunciado contextualizado chama-se de concreto, e segue para o processo de interação social entre os participantes da enunciação.

Cabem, nas definições bakhtinianas de enunciado concreto, e necessariamente de enunciação concreta, textos diversos, desde que sejam lidos com o auxílio de outros conceitos, noções e categorias, já que sempre haverá a presença de um discurso dentro de

outro. Complementa essa assertiva as palavras de Brait e Melo (2012), que afirmam que os enunciados concretos “só podem ser assim compreendidos se considerada a interação em que se deram, com todas as suas implicações, e o contexto mais amplo que os abriga” (p. 77), assim como as palavras de Bakhtin e Voloshínov no *Discurso na vida e discurso na arte* (2000) quando defendem que

o discurso verbal, tomado no seu sentido mais largo como um fenômeno de comunicação cultural, deixa de ser alguma coisa auto-suficiente e não pode mais ser compreendido independentemente da situação social que o engendra (...). O enunciado, conseqüentemente, depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns. (...) a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 2000, p. 04-05).

A enunciação, nesse sentido, reflete a interação social entre locutores e interlocutores, sendo o discurso verbal tido como algo “vivo/concreto” quando inserido no processo da comunicação social. Sobre a orientação social do enunciado é neste ponto em que se encontra refletido o auditório dos discursos verbais. Sem a presença ou a pressuposição dele o ato de comunicação verbal não pode acontecer.

Essa orientação sempre estará presente nos enunciados verbais e, segundo Voloshínov (1976), ela “é precisamente uma das forças vivas e constitutivas” (p. 08) que, ao mesmo tempo em que estabelecem o contexto do enunciado, ou seja, a situação, “determinam também a sua forma estilística e sua estrutura gramatical” (p. 08). Esses aspectos, interação social entre locutor e interlocutor, contexto, orientação social do enunciado, são fundamentais no processo de leitura de enunciados concretos dada a perspectiva da TDL.

5 A LEITURA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O processo de leitura deve, necessariamente, ser pautado pela concepção de linguagem enquanto interação. Conforme Almeida (2013, p. 11), “ler é um processo interativo de cruzamento de diversas e variadas vozes que interagem para construir o sentido” e esse procedimento sempre está na ordem da pluralidade de significados, visto que a leitura não está no texto, e que “esta só existe porque há a presença de auditório”, de leitores, que lhe conferem sentidos.

A leitura, portanto, assume papel fundamental no momento de compreensão de textos. Jurado e Rojo (2006, p. 39) expõem a leitura como “um *ato interlocutivo, dialógico*; implica diálogo entre autores e textos, a partir do que vão sendo produzidos os discursos”. Sendo assim, a interpretação será a produção de sentidos que resultarão em uma resposta do leitor ao que está sendo lido, isto dado como ações interlocutivas que faz interação ao tempo e espaços sociais.

Faz parte de um processo interativo e dinâmico e caracteriza-se como evento social: a leitura, na qual exige, para uma interpretação eficaz, o conhecimento prévio dos possíveis leitores, haja vista a concepção dialógica defendida pela TDL de que há sempre a relação de um discurso com outros, sejam essas relações dadas por enunciações anteriores ou posteriores ao que está sendo produzido. Nesse sentido, o ato de ler não se restringe mais a uma habilidade, uma técnica de conhecer palavras ou para adquirir um vocabulário: este ato se tornou mais complexo e diz respeito a possibilidade de o leitor ter autonomia para reconstruir, em certa medida, a informação codificada pelo escritor em sua linguagem gráfica. Os passos que seguem a leitura na perspectiva dialógica recaem em formas de encontro entre o homem e a realidade sociocultural, que terá como resultado um situar-se de dados de uma realidade expressa através da linguagem.

Há uma liberdade no processo de leitura que, segundo Almeida (2013), coloca o leitor numa posição de atribuidor de sentidos conforme seus objetivos, crenças e emoções, e como sendo o principal responsável pela interpretação. Logo, a leitura se define como atribuição/ões de sentido.

Diante do que expôs, complementa:

a leitura compreende apenas um dos vários aspectos da relação de interlocução, pois ler é um processo em que o leitor interage verbalmente com o autor, por meio de um texto escrito, sendo resultado das práticas histórico-sociais que os objetivam. (...) a perspectiva dialógica enfatiza a historicidade, as condições de produção e o sujeito (ALMEIDA, 2013, p. 27).

Nesse sentido de processo de leitura, o gênero discursivo tira, detalhado no tópico seguinte, requer uma leitura de elementos verbais e não-verbais, uma vez que ambos determinarão o significado completo do texto. Desta forma, vão se realizando as leituras, considerando os diversos gêneros discursivos, o contexto social em que os enunciados destes gêneros se apresentam, para, assim, interpretar produtivamente os significados possíveis dos textos.

6 CONCEPÇÕES DE GÊNEROS DO DISCURSO

Os gêneros do discurso surgem nas esferas da atividade humana e incluem diálogos cotidianos diversos, assim como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica, entre outras. Sobre a diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (1992) outorga que

a riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1992, p. 280).

Nesses termos, Bakhtin (1992) distingue os gêneros primários (da comunicação cotidiana – simples) dos gêneros secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, assim como é a escrita – complexa). Ambos gêneros podem, entretanto, se modificar e complementar-se. Esse fato confere ao gênero discursivo o caráter não de uma forma linguística, mas de uma “forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra” (MACHADO, 2012, p. 158).

Concebidos como uso com finalidades comunicativas e expressivas dimensionados a partir de manifestação da cultura, os gêneros discursivos não podem ser pensados fora da dimensão de espaço e tempo. Esses gêneros surgem de tradições com as quais se relacionam de algum modo e, assim como a cultura é atravessada por transformações, as formas discursivas também são suscetíveis de modificações.

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 1992, p. 282).

Nesse sentido, as esferas de uso da linguagem não traduzem noções abstratas, mas se posicionam e fazem referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos. Assim, o enunciado e o discurso, segundo os pensamentos bakhtinianos, pressupõem a dinâmica dialógica de troca entre sujeitos discursivos no processo de comunicação.

7 CONTEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO TIRA

A tira, gênero escolhido para análise do presente trabalho, possui uma estrutura com a presença de elementos verbais e não-verbais. As palavras e imagens possibilitam o desenvolvimento de percepção de efeitos de sentido que os recursos verbais e não-verbais engendram e, comumente, contêm impressões ideológicas de seus autores. A linguagem é desenvolvida, assim como em outros gêneros, dentro de uma situação histórica e social, devendo ser os textos interpretados segundo esses fatores. Nesse sentido, deve-se observar a questão dialógica da linguagem, em que fornece margem para construções de sentidos lógicos acerca do que está sendo lido.

As enunciações e os efeitos de sentido irônicos, presentes no gênero discursivo tira, requerem uma cautelosa interpretação, visto que as palavras possuem dois sentidos possíveis, cabendo o leitor considerar o contexto que está por volta, bem como as condições e estruturas sociais, para que haja, de fato, uma ligação admissível do que foi dito com o que foi lido.

Segundo Rivaldo Capistrano Junior (2011, p. 227-228),

a natureza constitutivamente verbo-visual das tirinhas possibilita a articulação entre a dimensão linear, a da palavra, e a não linear, a da diagramação, da imagem, exigindo, por parte do leitor, a integração verbo-visual para produção de sentido. (...) os recursos icônicos não são meramente ilustrativos de fragmentos da história. Pelo contrário, são parte constitutiva da história.

Importam, para o entendimento de tiras, marcas tipográficas, estilo e tamanho das letras, disposição das palavras no papel, signos icônicos (desenhos), pois eles, além das próprias palavras, também produzem importantes significações e fazem parte do desenrolar das ações na trama narrativa, que pode ser realizada, também, por meio de desenhos (diagramação). Nesse processo de leitura de tiras, o leitor irá agir sobre a materialidade textual, relativizando elementos linguísticos e não linguísticos, participando de um contínuo processo dialógico.

Acrescenta a essa discussão de leitura de tiras, o pensamento de Ramos (2013), que defende que

há camadas de informações a serem processadas. As mais superficiais são as apresentadas no texto. As demais são sugeridas e compreendidas por meio de conhecimentos prévios e de mundo, atrelados ao contexto em que o texto é apresentado. Embora pareçam equivocadamente simples, as histórias em

quadrinhos condensam uma gama alta de informações a serem recuperadas no ato de leitura (RAMOS, 2013, p. 116).

O gênero tira possibilita a busca por informações específicas que envolvem posturas críticas, historicidade, tempo, espaço, bem como a percepção de entendimento quanto aos efeitos de sentido que as imagens apresentam, que, por si só, já denotam algum sentido. A tira traz as personagens como objetos do discurso do autor, e que “não as vê como sujeitos, como consciências de falar e responder por si mesmas, mas como coisas, como matéria muda que se esgota e se imobiliza no acabamento definitivo que ele lhe dá”, conforme afirma Bezerra (2012, p. 192).

8 ANÁLISE DIALÓGICA DAS TIRAS

Quino, grande cartunista argentino, pai de Mafalda, tem como marca distintiva o humor reflexivo, inteligente e sempre atual. Ele viajou a vários países divulgando seu trabalho e recebeu diversos prêmios de nível internacional, entre os prêmios o de desenhista do ano, em 1982. Mafalda é obra-prima do cartunista e, através da personagem aparentemente inocente e de seus amigos, reflete sobre a política, a economia e a sociedade em geral. Como consequência da divulgação de seu trabalho em outros países, Mafalda foi traduzida em dez (10) idiomas, foi garota-propaganda de campanhas da UNICEF, motivo de cartões-postais e de selos argentinos. Atualmente, Quino publica seus desenhos na revista semanal do jornal Clarín.

Partindo das concepções da *Teoria Dialógica da Linguagem* para análise das tiras do autor Quino, com ênfase nos enunciados concretos da personagem Mafalda, assim como do texto *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* (2000), assinado por Voloshínov, que diz que os termos *enunciado*, *enunciado concreto*, *enunciação* estão diretamente ligados a discurso verbal, à palavra e a evento.

É interessante ressaltar, antes das análises, que os comentários e ideias de Mafalda refletem as preocupações sociais e políticas vivenciadas durante o período de ditadura militar na Argentina, mas por extensão também se aplica ao brasileiro.



Figura 01: Tira de Mafalda, do argentino Quino. Disponível em: Google Imagens.

Nessa primeira tira, vê-se a presença da mãe de Mafalda, Raquel, seus amigos, Manolito e Felipe, e a própria Mafalda. Raquel, a mãe, que não concluiu a universidade porquê quis construir uma família e ser dona-de-casa, preocupa-se sempre com a limpeza, a comida e os afazeres domésticos; vê a reunião que sua filha e amigos estão fazendo e, então, pergunta: “*Do que vocês estão brincando?*”, e eles, em uma só voz, respondem: “*De governo!*”, com semblantes alegres. Raquel, como quem gosta da casa bem arrumada, pede para que eles não baguncem. Neste mesmo momento, Mafalda sozinha fala: “*Não se preocupe, não vamos fazer absolutamente nada*”, e todos ficam cabisbaixos.

A relação dialógica, nesta tira, se encontra no último quadrinho, no enunciado concreto proferido por Mafalda, que dialoga com a realidade inerte em que se encontraria o governo atual. Inerte no sentido de não agir para o benefício da sociedade, mas ativo quando se trata de favorecer a si mesmo. Governo esse que é desmascarado a todo tempo pela mídia, como trazem as manchetes da Revista Veja sobre os escândalos políticos: “*Mensalão: processos se arrastam no DF, MG, SP, RJ e ES*”, “*Piora classificação do Brasil no ranking global da corrupção*” (Disponível em: <http://veja.abril.com.br/tag/escandalo>).

O estado em que se insere o governo relaciona-se, no contexto da figura 01, à inércia, a despreocupação em fazer algo pelo povo, ao descaso que se faz aos reais deveres de quem está no poder. Provavelmente, a personagem Mafalda não deve ter sabido desta situação em casa, visto que seus pais pouco se mostram interessados as situações e casos públicos, mas sim pelas suas buscas de atualização de como está a democracia e os direitos humanos, suas paixões.

Valdemir Miotello (2012, p. 171), sobre a ideologia, diz que “se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” e é o que se vê no enunciado concreto “*Não se preocupe, não vamos fazer absolutamente nada*”, em que Mafalda imprime seu pensamento

acerca do que realmente se relaciona ao que faz o governo, e as próprias relações histórico-materiais dos homens.

A ideologia pode ser compreendida como um sistema sempre atual de representação de sociedade, que se constitui a partir de referências compostas pelas interações e informações desenvolvidas socialmente. Isto pode ser representado pela figura 01, em que Mafalda fala do que compreende das ações do governo público, de acordo com as informações geradas pelo social e com a convenção de sua linha ideológica, na qual acredita que essa inércia é própria do sistema governamental público.



Figura 02: Imagem de Mafalda. Disponível em: Google Imagens.

Nesta imagem, tem-se a personagem Mafalda e uma figura masculina, que é representado por um militar, que faz alusão ao regime ditatorial. A personagem fala: “*Esta é a borracha de apagar ideologias*”, apontando para o cassetete do militar, com um olhar de repreensão. Esta charge dialoga com as repreensões feitas aos manifestantes pelos policiais militares (PMs) nas manifestações ocorridas no Brasil, em que os cidadãos protestavam contra a corrupção no país, os desvios de dinheiro, o alto investimento em um evento mundial – Copa Mundial de 2014, entre outros problemas sociais.

Os manifestantes asseguravam que o Brasil precisa de atenção à saúde, à educação, à melhores condições de transporte público. Um dos casos que mostra essa repreensão feita pelos PMs ocorreu em um dos bairros do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca. Essa ocorrência foi gravada pela emissora da TV Globo e mostra que os policiais se armaram para receber os manifestantes, que se apresentavam calmos e em paz. Um dos policiais usa uma pistola para

dispersar os manifestantes (Disponível em: <http://globo.com/infoglobo/extra-hd/v/policial-e-repreendido-apos-atirar-com-pistola-para-dispersar-manifestantes-na-barra/2649011/>).

Miotello (2012) discute a compreensão da ideologia como “falsa consciência”, vista como uma camuflagem e ocultação da realidade social, que faz com que haja a “não percepção da existência das contradições e da existência de classes sociais, promovida pelas forças dominantes e aplicada ao exercício legitimador do poder político” (MIOTELLO, 2012, p. 168), assim como “organizador de sua ação de dominar e manter o mundo como é”.

Nesse sentido, a arma de fogo utilizada pelo policial para dispersar os manifestantes pode ser comparada ao cassetete do militar contido na figura 02, representando que esses são os meios usados pelos “superiores” para “calar” as pessoas e promover o exercício de “organizar” e “manter o mundo como ele é”.

Nesse contexto, calar a manifestação das ideologias dos manifestantes que, por meio de seus valores, buscavam melhores condições de vida no país, para que não exista tumulto, desorganização na ordem do Brasil, visto que até antes do momento dos protestos, a ordem era de os governantes administrarem o dinheiro público, e os cidadãos aceitarem tudo sem questionamentos.



Figura 03: Tira de Mafalda, do argentino Quino. Disponível em: Google Imagens.

Susanita é uma personagem que tem um futuro planejado em sua cabeça: um casamento magnífico, um marido com uma boa condição econômica e muitos filhos. Ela detesta as reflexões de Mafalda. Na figura 03 há um diálogo entre ela e Mafalda, em que Susanita diz que quando crescer quer ter muitos vestidos – algo material, tocável – e, ao contrário, tem a afirmação de Mafalda que quer ter muita cultura – abstrato.

Parte destas afirmações, uma relação do cotidiano particular delas, daquele momento de conversa, com a realidade que envolve justiça e leis. Susanita pergunta: “*Se você sair na rua sem cultura, a polícia te prende?*”, e Mafalda diz que “*não*”, obviamente, pois não é lei prender alguém que não tem cultura; e a amiga de Mafalda, com ar de ironia, prossegue a pergunta que fez com uma assertiva: “*Experimenta sair sem vestido*”. Mafalda, que reflete em seus discursos a maior carga de enunciados dialógicos, bate na amiga (em um quadro oculto, que o leitor o imagina no momento da leitura) e diz: “*É triste bater em alguém que tem razão*”.

Com o contexto dessa fala pode-se confirmar um enunciado já-dito, o Código Penal Brasileiro - Decreto-Lei n.º 2.848 de 1940 - Art. 233 - Ato obsceno - Pena: detenção: 3 meses a um ano, ou multa (Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/>). De acordo com o exposto na lei sobre o crime ato obsceno, esta é a prática de obscenidade em lugar público, ou aberto ou exposto ao público. Na lei, basta que haja uma conotação sexual no ato em questão, como por exemplo, o ato de mostrar os seios. Não é exigida a intenção de ofender, mas sim apenas o dolo de praticar o ato.

Nesse sentido, o dialogismo da linguagem desta figura 03 faz-se presente em quase todo o texto e deixa clara a ligação que há entre a situação-momento do diálogo e o conteúdo com a Lei e o Artigo contido no Código Penal Brasileiro, em que as duas personagens inseridas na tira estão a par do que é considerado “certo” e “errado”. Assim, “vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios”, segundo Miotello (2012, p. 172). As vozes diversas, chamadas por Miotello (2012), representam o diálogo entre a figura 03 e o específico Decreto do Código Penal, que mostram a relação dialógica de uma conversa corriqueira entre amigas com a Lei n.º 2.848 de 1940 - Art. 233 - Ato obsceno.



Figura 04: Tira de Mafalda, do argentino Quino. Disponível em: Google Imagens.

Serve para análise desta figura (04) as contribuições de Brait (2008). A autora comenta que “a ironia produz-se no momento em que pressuposições sobre o mundo são confrontadas e ambigüizadas numa interlocução” (p. 92), o que evidentemente “pode causar um efeito cômico para um observador que não seja o alvo da ironia”. E, partindo desta perspectiva, analisa-se a presente tira. Percebe-se, em primeiro plano, o explícito, um dito-popular, que está, inclusive, em aspas: “*Deus ajuda a quem cedo madruga*”, e em segundo plano, o do conteúdo, a voz da “verdade universal”, aceita por culturas, de que quem cedo madruga, se acorda e levanta para o mundo, Deus ajuda, fornece auxílio superior para que os planos sejam realizados.

Dialoga com o dito-popular, o que dá sequência aos quadrinhos posteriores, a ação e fala da personagem Mafalda que, interpretando o que leu em seu quarto, vai ao quarto dos pais e coloca em prática o que leu: pega o despertador e ajusta-o para um horário mais cedo, e diz: “*Amanhã de manhã Deus vai ter o que fazer!*”.

O cômico se dá pela relação que Mafalda faz do dito-popular com o que pode ser feito pelos seus pais, que não se mostram interessados em fazer algo, não do sentido de trabalho – pois seus pais trabalham –, mas para ajudar o mundo, já que Mafalda representa o anticonformismo com a humanidade, mas sempre com fé na própria geração.



Figura 05: Tira de Mafalda, do argentino Quino. Disponível em: Google Imagens.

Na figura 05, há mais textos não-verbais do que verbais e, por isso, a significação maior estará em torno das imagens. Para Brandão (2012),

é o movimento de leitura, o trabalho de elaboração de sentidos feito pelo leitor que dá concretude ao texto. Em graus diferentes de complexidade, um texto é sempre lacunar, reticente. Apresenta “vazios” – implícitos, pressupostos, subentendidos – que se constituem em espaços disponíveis para a entrada do outro, isto é, em espaços disponíveis a serem preenchidos pelo leitor (BRANDÃO, 2012, p. 271).

E é o que propõe o texto da figura 05, uma leitura que considere as suposições do que está em lacuna. No quadrinho do texto verbal se vê a personagem Mafalda lendo o significado da palavra ‘democracia’ dada por um dicionário, em que diz as raízes do léxico e a própria definição: “do grego *demos, povo e kratos, autoridade*” – “*governo no qual a soberania é exercida pelo povo*”; depois surgem as sucessões das imagens da personagem gargalhando, uma vez ao lado do dicionário, outra na ceia de jantar, provavelmente, ao lado dos seus pais e seu irmão Guille, que demonstram, pelas fisionomias, ares de que não estão compreendendo nada, e novamente na hora de deitar, ainda com a presença dos pais e irmão, que continuam sem entender nada.

A relação de diálogo entre discursos observada na tira se dá pelo conceito dicionarizado de democracia e os gestos de risos que são feitos por Mafalda. Risos estes que soam, possivelmente, com o pensamento de que o conceito não corresponde ao que está sendo

colocado em prática, pois a democracia, na verdade não é exercida pela massa popular e sim por aqueles que estão ligados diretamente ao poder, os governantes e toda a sua família de políticos.



Figura 06: Tira de Mafalda, do argentino Quino. Disponível em: Google Imagens.

Quino, por meio de Mafalda, põe em prática nesta tira o que Bakhtin e seu Círculo intitulam como diálogo entre interlocutores, já que conta com a presença do seu pai, quando ele interrompe a demonstração de afeto pela pátria feita por ela. Bezerra (2012, p. 196) assevera que “não é ele, autor, quem fala, mas o outro que ele reconhece como sujeito de seu próprio discurso e dono de sua própria maneira de exprimir-se”.

Na figura 06, Mafalda encontra-se enfeitada com emblemas que lembram a pátria, e, num estado de excitação, exerce o seu amor por ela com gestos de patriotismo e diz quatro vezes, em alto som: “VIVA A PÁTRIA!”. O pai, não compreendendo a ação de Mafalda naquela data, data esta não cívica, pergunta: “O que está acontecendo Mafalda? Hoje não é nenhuma data cívica”, como se fosse necessário ser para só então sua filha poder demonstrar o seu afeto ao lugar de origem. Para o pai de Mafalda, e muitas outras pessoas, só é tempo de demonstrar algo à pátria as datas patrióticas; para tanto a personagem enfática das análises deste trabalho se posiciona e diz, através de seu ato, que não são todos que pensam assim.

Bezerra (2012, p. 196) ainda apresenta que “é pelo diálogo que as personagens se comunicam entre si, com o outro, se abrem para ele, revelam suas personalidades, suas opiniões e ideais, mostram-se sujeitos de sua visão de mundo”. Essa assertiva corresponde ao que foi descrito sobre esta tira em análise.

No contexto de análise dialógica das tiras, é possível perceber sua direta relação com os eventos sociais. Assim, Bakhtin afirma a importância de se compreender o contexto comunicativo para assimilação do repertório de sentidos de que se pode dispor um determinado texto, visto que os gêneros discursivos são formas comunicativas que são adquiridas nos processos interativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contou com a *Teoria Dialógica da Linguagem* e seus conceitos mobilizados: dialogismo, enunciado concreto e a leitura na perspectiva dialógica, para efetivar as análises das tiras do autor Quino, com atenção especial aos enunciados proferidos pela personagem Mafalda, mas vale salientar que não foram ignorados o contexto e os demais personagens presentes nas tiras, visto que tudo que envolve o texto foi observado para que as análises fossem verdadeiramente proficientes.

Com relação aos objetivos pretendidos, o trabalho apresentou a TDL e seus conceitos mobilizados, relativizando-os com a análise das seis (06) tiras selecionadas da internet, assim como acresceu o trabalho com concepções sobre a ironia entendida como efeito polifônico de sentidos presente nas tiras.

Sobre a personagem ênfase deste trabalho, Mafalda apresenta-se como um dado essencial da relação entre o estético e o real, e um produto da relação de seu criador com a realidade.

Assim como todo texto, conclui-se que nas tiras do autor Quino há a presença do dialogismo da linguagem; dialogia essa que se mostra a partir de discursos que envolvem/banham o anticonformismo com a humanidade, as absurdas convenções dos adultos, direitos humanos, política/democracia.

ABSTRACT

Starting from the idea that we understand the concept of dialogism of language, which considers each utterance consists of the presence of other statements and, therefore, the ideas that are presented are discourses already said, but are pronounced again with new discursive forms, this study aims to: 1) provide an overview of the vision dialogic Theory of Language, correlating this to the concepts mobilized: dialogism, concrete statement and reading the dialogical perspective, and, from this, 2) analyze the discursive genre strip of below how the concepts studied in TDL. The dialogical analysis will be made from a selection made in six internet (06) strips the author Quino, emphasizing the utterances of the character Mafalda, since it is the protagonist of the creations of the author and his lines are the corresponding sharply, the dialogic utterances. With that, we observed and analyzed the politicized discourses in those strips, as well as that of the real world, they converse, since Mafalda an exasperated worldview and puts shows the most recurring problems worldwide, making for that, using a kind of ironic sense of humor and serious. In this context, it is the view of the author intentionality with the strips when making use of the protagonist speak to your potential readers are encouraged to reflect, in a dialogical way, about the issues that circulate among them socially.

Keywords: Dialogic reading. Statement concrete. Genre strip.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. F. *O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente*. João Pessoa: Ideia, 2013.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. VOLOSHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. VOLOSHÍNOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Trad. para fins acadêmicos de Carlos Alberto Faracco e Cristóvão Tezza de “Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics”. In: (1976) *Freudianism*. New York: Academic Press – mimeo, 2000.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 191-199.
- BRAIT, B. (Org.). (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- _____. *Ironia: em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- _____. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- _____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: D. Barros e J. L. Fiorin (orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 29-36.
- JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.); KLEIMAN, A. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 37-55.
- JUNIOR, R. C. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, V. M. (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 227-235.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 151-166.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167-176.

RAMOS, P. A leitura oculta: processos de produção de sentido em histórias em quadrinhos. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Múltiplas linguagem para o ensino médio*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 103-118.

ROTTAVA, L. (Doutoranda em Linguística Aplicada – UNICAMP). *A perspectiva dialógica na construção de sentidos em leitura e escrita*. *Linguagem & Ensino*, Vol. 2, No. 2, 1999 (145-160). Disponível em:
<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/294/260> Acessado em: 12 de janeiro de 2014.

VOLOSHÍNOV, V. N. *A estrutura do enunciado*. Paris, Seuil, 1976.